

Espinoza e Reich O Corpo da Alegria

Duda Teixeira

*O extremo da doença é a morte.
E o da saúde?*

A fraqueza e a submissão, a potência e a autonomia, continuam sendo, mais do que nunca, temas fundamentais para quem considera a necessidade urgente de transformações profundas na sociedade e na vida individual.

Baruch Espinoza e muito tempo depois William Reich foram pensadores que se inquietaram diante da servidão e que pensam a necessidade de importantes transformações sociais em consonância com mudanças nos indivíduos. Espinoza com seu pensamento revolucionário atacando no alvo entre outras coisas a importante questão da moral, e Reich que foi sem dúvida um pioneiro da micropolítica com suas sexpol e seu posicionamento no movimento psicanalítico. E ambos desenvolveram a noção de que uma outra categoria de sujeito poderia surgir, um corpo ativo, potente, vital e racional, cada um deles apresentando o que seria esse sujeito.

Daí penso ser interessante e enriquecedor traçar algumas relações entre as obras de Espinoza e de Reich - não por acaso Reich considerava Espinoza um de seus mestres¹- buscando verificar como ambos pensaram os homens ativos, ou em outros termos, não neuróticos.

“O problema fundamental da filosofia política permanece aquele que Espinoza soube colocar (e que Reich redescobriu): ‘Por que os homens combatem pela sua servidão como se fosse pela sua salvação?’ Como se chega a gritar: ainda mais impostos! Menos pão! Como diz Reich, o espantoso não é que pessoas roubem, que outros façam greve, mas antes que os famintos não roubem sempre e que os explorados não façam sempre greve por que os homens suportam desde séculos a exploração, a humilhação, a ponto de querer isso, não apenas para os outros mas para si próprios? Nunca Reich foi maior pensador do que quando recusa invocar um desconhecimento ou uma ilusão das massas para explicar o fascismo, e pede uma explicação pelo desejo, em termos de desejo: não, as massas não foram enganadas, mas desejaram o fascismo nesse momento, nessas circunstâncias, e é isso que é preciso explicar, essa perversão do desejo gregário.”²

A grande interrogação de Espinoza teria sido: “Como mudar sua vida?” Pergunta atualíssima: “É possível fazer da multidão uma coletividade de homens livres, em vez de um ajuntamento de escravos?”³ É possível transformar o homem fraco em potente? Como seria esse homem para Espinoza? Ele fala do homem ativo, homem livre, racional, se caracterizando pela posse de sua potência de agir e pelas idéias adequadas e afecções ativas.

Espinoza apresentou um novo modelo à filosofia, o corpo. Corpo submetido às paixões, corpo feito de relações, de mistura, e que dependendo dessas relações com outros corpos poderia produzir um sujeito forte ou fraco, alegre ou triste. E que em determinadas condições poderia estabelecer-se acima das paixões, produzindo o sujeito ativo, potente, não submetido e com uma compreensão clara do mundo a sua volta.

Quase dois séculos depois Wilhelm Reich começava a atuar diretamente sobre o corpo na clínica psicanalítica. Reich acreditava que a condição do corpo seria fundamental nas atitudes, na potência do sujeito, na sua compreensão da realidade. Vislumbrou que seria possível sob determinadas condições produzir-se uma

subjetividade potente, intensa, que pudesse transformar a realidade social, e num círculo virtuoso, realidade essa que produziria sujeitos potentes e inventivos.

Reich apresenta um modelo de homem livre, saudável, a que designou com o nome de caráter genital que ele define como sendo ágil e firme, direto e franco, olhar claro e brilhante, - (“...esse rosto oval e moreno com olhos negros e brilhantes dando a impressão de serem percorridos pela própria Vida, de ter um poder idêntico à Vida”⁴ como diz Deleuze sobre Espinoza) ativo e eficaz sem ser agitado. Busca soluções claras e racionais para os problemas. Não suporta a obrigatoriedade, só conhece a autoridade baseada na razão, é realista, opõe-se ao mecanicismo, misticismo e a qualquer demagogia. É intenso e vive a plenitude orgástica.⁵ Tal caráter genital é o objetivo final da clínica reichiana. “Reich não se enganou, ele que foi talvez o único a manter que o produto da análise deveria ser um homem livre e alegre, portador de fluxos de vida, capaz de leva-los até o deserto e decodificá-los – mesmo se essa idéia tomasse necessariamente a aparência de uma idéia louca”⁶ comentam Deleuze e Guattari no Anti-Êdipo.

Cabe perguntar qual a relação entre o conceito de caráter genital em Reich e o homem ativo da filosofia de Espinoza. Teria então a prática reichiana a possibilidade de colaborar na produção de um homem mais potente? É possível polir a lente?

Não se trata de encontrar mais um modelo ao qual se deva submeter os indivíduos. “Não se muda a vida trocando a vida real por um ideal abstrato, por uma norma posta acima dos indivíduos ou por um modelo ao qual o homem deveria se conformar. A razão não pode ensinar nada que esteja contra a natureza.”⁷

Para Espinoza “existir é ter uma infinidade de partes exteriores uma às outras”⁸, o corpo é multiplicidade. “Um corpo, uma individualidade, é uma composição de uma infinidade de partes extensivas, a permanência de uma relação de movimento e repouso através das mudanças que atravessam suas partes.”⁹ “A estrutura de um corpo é sua relação” e “o que pode um corpo é a natureza e os limites de seu poder de ser afetado”¹⁰. A relação específica da qual se constitui o corpo se modifica nos encontros. Quando um corpo sofre a ação de outro corpo ocorre o que Espinoza chamou de afecção; é uma ‘mistura de corpos’ em que o corpo age sobre outro e este recebe as relações características do primeiro.

Esses encontros podem ser bons ou maus encontros. Um bom encontro é aquele em que o corpo que se relaciona, que se mistura com o nosso, combina com ele, compõe uma relação. Um mau encontro é quando esse corpo não combina com o nosso e ele tende a decompor ou destruir a relação específica do nosso corpo. O chamado mal não existiria, seria na verdade um fenômeno do tipo envenenamento, indigestão, intoxicação. Para Deleuze o bom encontro aumenta a potência do meu corpo de agir, ou potência de pensar no caso da alma; no mau encontro minha potência de agir diminui e pode até ser destruída.¹¹

Para Reich todas as emoções e sensações na vida derivam da e correspondem a sensações de órgãos e movimentos expressivos. “O vivo responde aos estímulos com movimentos, ou seja, emoções”. As emoções, ações e idéias do organismo são condicionadas pelo seu próprio estado de motilidade e expressão. “A auto percepção dá o colorido a todas as demais sensações”. Reich diferencia duas formas de vida: ‘numa delas o organismo que opera, livre de perturbações, com base em processos naturais. Na outra o organismo encontra-se com as funções plasmáticas bloqueadas por uma couraça crônica e autônoma.’ (Rigidez que se constituiria a partir de experiências ameaçadoras, angustiantes, do meio sobre o organismo.) Esses dois organismos, um flexível e o outro enrijecido, têm percepções totalmente diferentes em decorrência do

plasma corporal ser o receptor e transmissor de todas impressões. A isso Reich denominou “sensação de órgão.”¹²

Para Espinoza “o afeto é o aumento e a diminuição da potência de agir de um corpo.”¹³ “Por afetos entendo as afecções do corpo pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, ajudada ou contida, e ao mesmo tempo as idéias dessas afecções”¹⁴ O aumento da potência de agir gera alegria como a diminuição da potência gera tristeza.

Podemos traçar uma relação entre as paixões alegres e tristes em Espinoza e contração e expansão/ prazer e angústia em Reich.

Em Reich há basicamente dois tipos de emoções: as que produzem contração do organismo, da ordem da angústia e as que produzem expansão, geradoras de prazer. É possível relaciona-las às paixões tristes, que produzem imobilidade, e às paixões alegres que levam ao movimento. Bons encontros gerando expansão, e maus encontros produzindo contração, afetando o corpo destruindo as relações específicas e instaurando a couraça e o ressentimento. A couraça (e o caráter) estaria relacionada ao esforço para minorar a ação do corpo que não combina com o nosso, então trará sempre tristeza, passividade, reatividade.

Reich percebeu que psique e soma são interligados, formam um só organismo. Partiu da noção de caráter, definida como “uma formação autoplástica iniciada por estímulos perturbadores e desagradáveis”¹⁵ resultante das relações do ego com o Id e do ego com o mundo exterior. Se a pressão do id ou da sociedade torna-se muito forte o ego se rigidifica e forma uma blindagem para se proteger das forças que são dirigidas contra ele. “Esta rigidez do ego é a base em que está fundada uma forma singular de reação ou blindagem de caráter.”¹⁶ Reich observou que essa blindagem de caráter tinha um correspondente corporal, que “a expressão corporal de uma pessoa correspondia a sua atitude mental”¹⁷. Ele a chamou de couraça muscular. A couraça seria “um aprisionamento da naturalidade corpórea e da pulsação de vida no indivíduo.”¹⁸ A relação entre caráter e couraça evidencia a unidade mente corpo.

Para Espinoza “enquanto nossos afetos forem consequência de encontros fortuitos eles se explicarão pela natureza do corpo que nos afeta e pela idéia afecção, que é uma idéia inadequada desse corpo. Enquanto não formos a causa adequada nem tivermos a idéia adequada de nossas afecções nossos afetos serão paixões, alegres e tristes.”¹⁹ Nunca se está realmente de posse da potência enquanto se está ao nível dos encontros fortuitos e das idéias inadequadas, porque aí os afetos se explicam por uma causa exterior. Essa é a marca de nossa impotência. Toda paixão nos retira de nossa potência de agir.

Para Reich o objetivo clínico seria, a partir da flexibilização da couraça (e do caráter), chegar a um fluxo livre e à auto-regulação, que seria o organismo referenciado por seus processos de equilíbrio dinâmico e não pela submissão ao social (ou a uma “causa exterior”). Quando o homem prescinde do autoritarismo ele se auto regula e age.

Em Espinoza “a idéia adequada é idéia que expressa sua própria causa e se explica por nossa própria potência.”²⁰ A idéia adequada é causa de um sentimento ativo como a idéia inadequada é causa de um sentimento passivo. “Um afeto que é uma paixão deixa de ser uma paixão assim que fazemos dele uma idéia clara e distinta.”²¹

Para Reich também é imprescindível a “idéia clara: “O caráter genital distingue o essencial do não essencial, ou menos essencial; suas opiniões são resultado de um processo de pensamento.”²² Reich justifica o termo ‘caráter genital’ pela primazia do genital e pela potência orgástica. Para o caráter genital “o complexo de Édipo não é mais um fator contemporâneo.”²³ Para Reich “se a primazia do intelecto é a finalidade

do desenvolvimento social, ela é inconcebível sem a primazia genital. A hegemonia do intelecto não só põe fim a uma sexualidade irracional como tem como condição prévia uma economia da libido regulada.”²⁴

Voltando a Espinoza, ele denominou “noções comuns” às idéias adequadas que nos levam ao conhecimento das propriedades comuns ao nosso corpo e corpos externos favorecendo um conhecimento de nossa essência e a de cada coisa. As noções comuns são a causa das alegrias ativas. Mas como formar a noção comum se desde a infância estamos numa situação de impotência onde vigoram as idéias inadequadas e equivocadas? Deleuze diz que “a alegria é a causa ocasional da noção comum, e conseqüentemente da ação.”²⁵ “A alegria é como “um trampolim que nos impulsiona na direção do conhecimento adequado.”²⁶ Na alegria, quando o outro corpo combina com o nosso, temos a ocasião de formar a noção comum entre o corpo que nos afeta e o nosso corpo. Podemos pensar que parte da eficácia do trabalho clínico pode vir daí: produção de noções comuns decorrentes de um bom encontro entre terapeuta e paciente.

A razão seria o conhecimento de e por noções comuns, de onde decorrem sentimentos ou afetos ativos, sentimentos que nascem da razão. Então os encontros alegres produziram racionalidade. As idéias claras levariam em última instância ao conhecimento da essência de Deus, que é a nossa essência singular e a de todas as coisas. “As alegrias são alegrias de Deus, e o amor que delas decorrem constituem o que Espinoza chama de beatitude.”²⁷

Enfim, são autores que afirmam a vida. Espinoza e Reich postulam que a vida pode ser vivida com alegria. A alegria é condição da existência – o gosto de viver. A outra forma de viver, sem alegria, é a neurótica, em que se vive na esperança de melhorar a vida.²⁸ Ambos associam a alegria à racionalidade e à liberdade do mesmo modo que relacionam os constrangimentos e a tristeza à negação da realidade.

Concluindo, como esse sujeito apossado da alegria e da racionalidade atuaria no campo social favorecendo transformações na sociedade capitalista contemporânea?

Para Espinoza “a virtude ou poder ou liberdade do homem e do cidadão será exercida voltando-se para o conhecimento e convertendo esse conhecimento em atividade.”²⁹ Reich por sua vez propõe uma democracia do trabalho que é autogestão associada à liberdade. Mas isso só seria possível na prática se os sujeitos deixassem de ser rigidamente encoraçados, se livrassem do autoritarismo internalizado. “Somente os homens genitalmente sadios são capazes de trabalho voluntário e autodeterminação não autoritária da vida. A tarefa da reestruturação não poderá suceder, nem mesmo será compreendida, se isso não for tomado a claro.”³⁰

¹ Dadoun, R. . (1991). Cem flores para Wilhelm Reich; São Paulo; Editora Morales

² Deleuze, G.; Guattari, F. (1976). O Anti- Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro, Imago. Apud Reich, *psychologie de masse du fascisme*; pg. 47

³ Deleuze, G. (2002). Espinosa: filosofia prática. São Paulo; Escuta. ; pg. 17

⁴ Deleuze, G. (2002). Espinosa: filosofia prática; São Paulo; Escuta. pg. 18.

⁵ Reich, W. (1975). A função do orgasmo. São Paulo; Brasiliense.

⁶ Deleuze, G.; Guattari, F. (1976). O Anti- Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia; Rio de Janeiro, Imago pg. 24.

⁷ Lins, D. (2002). A metafísica da carne: que pode o corpo in Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo. Rio de Janeiro; Relume Dumará. Apud Espinosa, *Ética IV*, prop. 18; pg. 72

⁸ Machado, R. (1990). Deleuze e a filosofia Rio de Janeiro; Edições Graal, pg. 62.

⁹ Machado, R. (1990). Deleuze e a filosofia Rio de Janeiro; Edições Graal pg. 67.

¹⁰ Machado, R. (1990). Deleuze e a filosofia Rio de Janeiro; Edições Graal. pg. 64.

¹¹ Deleuze, G. (2002). Espinosa: filosofia prática. São Paulo; Escuta

-
- ¹² Reich, W. (1949). - *A sensação de órgão como ferramenta para a pesquisa natural* in Ether, God and Devil. Tradução de André Carvalho
- ¹³ Machado, R. (1990). Deleuze e a filosofia Rio de Janeiro; Edições Graal. pg. 67.
- ¹⁴ Machado, R. (1990). Deleuze e a filosofia Rio de Janeiro; Edições Graal pg. 67.
- ¹⁵ Reich, W. (1995). - Análise do caráter. São Paulo; Martins Fontes.
- ¹⁶ Câmara, M. V. A. (2000). *Do corpo ao incorporal ou da estrutura aos fluxos desejantes* in Reich: o corpo e a clínica; pg. 29. São Paulo; Summus editorial.
- ¹⁷ Boadella, D. (1985). Nos caminhos de Reich; São Paulo; Summus editorial. pg. 113.
- ¹⁸ Câmara, M. V. A. (2000). *Do corpo ao incorporal ou da estrutura aos fluxos desejantes* in Reich: o corpo e a clínica São Paulo; Summus editorial. ; pg. 29.
- ¹⁹ Machado, R. (1990). Deleuze e a filosofia Rio de Janeiro; Edições Graal. pg. 70.
- ²⁰ Machado, R. (1990). Deleuze e a filosofia Rio de Janeiro; Edições Graal. pg. 77.
- ²¹ Machado, R. (1990). Deleuze e a filosofia Rio de Janeiro; Edições Graal pg. 72.
- ²² Reich, W. (1995). - Análise do caráter. São Paulo; Martins Fontes. pg. 466
- ²³ Reich, W. (1995). - Análise do caráter São Paulo; Martins Fontes. ; pg. 176.
- ²⁴ Reich, W. (1995). - Análise do caráter São Paulo; Martins Fontes ; pg. 176.
- ²⁵ Machado, R. (1990). Deleuze e a filosofia Rio de Janeiro; Edições Graal pg. 74.
- ²⁶ Machado, R. (1990). Deleuze e a filosofia Rio de Janeiro; Edições Graal pg. 75.
- ²⁷ Machado, R. (1990). Deleuze e a filosofia Rio de Janeiro; Edições Graal pg. 78.
- ²⁸ Rosset, C. (2000). Alegria: a força maior. Rio de Janeiro; Relume Dumará.
- ²⁹ Shaub, M. (1974). *Espinoza ou uma filosofia política de Galileu* in História da Filosofia – Idéias, Doutrinas. – François Châtelet; Rio de Janeiro; Zahar. pg. 177.
- ³⁰ Reich, W. (1966). A revolução sexual Rio de Janeiro; Zahar. pg. 283.